

Pensamento e ação

RAUL PILLA

EM SEU belo discurso proferido na Câmara dos Deputados, antes obra de sociólogo, que de político, lembrou o eminente sr. Afonso Arinos um conceito de Schiller: pensar é fácil, agir é difícil, agir segundo o pensamento é quase impossível.

E' o que se pode considerar uma verdade universal. Tantas são as resistências, tantos os obstáculos no simples trajeto do pensamento à ação, que esta raramente corresponde por inteiro àquele. Isto, quando o pensamento chega à ação que implica.

Mas pensar não é tão fácil, quanto inculca o grande poeta germânico. E no Brasil, ou, para falar com maior precisão, no mundo político brasileiro, não parece nada fácil pensar, pois o de que mais ali se carece é de pensamento. Tão ausente anda o pensamento da vida política nacional, que, mais de uma vez, na Câmara dos Deputados, fui tomado pela estranha sensação de estar vivendo num mundo de autómatos, a cumprir mecânicamente o seu destino.

O grande mal, que perverte e esteriliza tôda a nossa vida pública, é a carência de pensamento. Não quero dizer, com isto, que, neste nosso mesquinho mundo político, onde tôdas as coisas se medem por baixo, e não por cima, não haja formulação de pensamentos. Não: o pensamento aparece, vez por outra. Mas não passa de epifenômeno. Não gera a ação: pretende apenas justificá-la, como quem legitima filhos espúrios. Não precede o ato: segue-o, apenas para dar a impressão de que êste estranho mundo de autómatos tem liberdade e inteligência.

No Brasil dos nossos dias, é muito mais difícil pensar, do que agir. E, se entre nós continua sendo verdade que é quase impossível agir de acôrdo com o pensamento, é que êste, quando existe, não antecede, sucede à ação. Esta monstruosa inversão dos processos normais explica muita coisa na vida pública brasileira.